

# INICIATIVAS E POSSIBILIDADES DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA COMUNIDADE DO MARANHÃO – PARINTINS/AM

Thaynessa Costa Brasil <sup>1</sup>  
Estevan Bartoli <sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo objetivou investigar as potencialidades turísticas na Comunidade do Maranhão, entorno de Parintins/AM, a partir da possibilidade de ativação de Turismo de Base Comunitária (TBC), visando o protagonismo das populações locais, tendo como parâmetro a investigação das redes de governança no local. Como objetivos específicos buscou-se: analisar as características das principais redes de sujeitos existentes e como podem colaborar para a formação de governança da atividade turística e descrever as características geográficas básicas da localidade. Quanto a metodologia adotada, realizou-se revisão bibliográfica sobre o TBC, pesquisas de campo para levantamento do potencial turístico e uma roda de conversa que resultou na proposta de dois mapas de atrativos turísticos da Comunidade e entorno. A pesquisa tem caráter exploratório/descritivo, utilizando método qualitativo e quantitativo. Os resultados do projeto revelaram que a existência de diversas redes de sujeitos locais são passíveis de serem potencializadas para a prática de Turismo de Base Comunitária.

**Palavras-chave:** Turismo de Base Comunitária; Protagonismo; Redes de Governança; Atrativos turísticos

## ABSTRACT

This article aimed to investigate the tourist potential in the Community of Maranhão, around Parintins/AM, based on the possibility of activating Community Based Tourism (TBC), aiming at the protagonism of local populations, having as a parameter the investigation of governance networks in the local. As specific objectives, we sought to: analyze the characteristics of the main networks of existing subjects and how they can collaborate in the formation of governance of the tourist activity and describe the basic geographic characteristics of the locality. As for the methodology adopted, a bibliographical review was carried out on TBC, field research was carried out to survey the tourist potential and a conversation wheel that resulted in the proposal of two maps of tourist attractions in the Community and surroundings. The research has an exploratory/descriptive character, using qualitative and quantitative methods. The project's results revealed that the existence of several networks of local subjects can be leveraged for the practice of Community Based Tourism.

**Keywords:** Community Based Tourism; Protagonism; Governance Networks; Tourist Attractions

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Geografia pelo CESP/UEA. E-mail: [tcb.geo18@uea.edu.br](mailto:tcb.geo18@uea.edu.br)

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela UNESP e Professor da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – Campus Parintins (CESP). E-mail: [ebartoli@uea.edu.br](mailto:ebartoli@uea.edu.br)

## INTRODUÇÃO

O Turismo de Base Comunitária (TBC) surge na segunda metade da década de 1990 possuindo polissemia do conceito que pode variar de acordo com o tipo de abordagem em cada país. No Brasil, é definido como uma atividade que utiliza, de forma sustentável, os patrimônios naturais e culturais para visitação, promovendo o bem-estar das populações envolvidas e despertando a consciência ambientalista dos viajantes. (EMBRATUR, 2002).

O TBC é um modelo de gestão que vem sendo cada vez mais implantado como forma de valorizar a interculturalidade, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais, visando à apropriação por parte dessas dos benefícios advindos da atividade turística, segundo o Ministério do Turismo – MTur (BRASIL, 2010). “Nele o turista é levado a interagir com o lugar e com as famílias residentes, seja de pescadores, ribeirinhos [...]” (CORIOLANO 2009, p. 282).

No Amazonas, as experiências de turismo de base comunitária são recentes e crescem significativamente por algumas comunidades ribeirinhas. Segundo a análise de PERALTA (2012), a Pousada Uacari na Reserva Mamirauá – Tefé/AM implantada desde 1998, com sete comunidades rurais do entorno da pousada atua no ramo do ecoturismo, as atividades é uma combinação de visitas a trilhas e lagos para observação da fauna, às comunidades locais para conhecer e entender o modo de vida das populações locais e às estações de pesquisa, onde os hóspedes podem interagir com pesquisadores locais (PERALTA, 2012, p. 11).

Em razão disso, o município de Parintins - AM apresenta uma série de condições socioambientais de potencializar a atividade, levando em consideração a intensa navegação existente na calha do rio Uaicurapá. E na busca por atividades de lazer está a Comunidade do Maranhão, área de estudo desse artigo. A cidade por ser considerada a “vitrine” do Festival Folclórico dos Bois Caprichoso e Garantido pode ser aproveitada para divulgação das belezas naturais da localidade.

O presente artigo está estruturado em quatro subitens: no primeiro discute as premissas, as concepções e abordagens sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC), Gestão Participativa e o Protagonismo da população local, necessárias para entender o contexto da área estudada.

O segundo apresenta a Comunidade do Maranhão, bem como, as características geomorfológicas/geográficas básicas e a descrição detalhada das redes de sujeitos que podem ser alternativas para o desenvolvimento do TBC. E o terceiro subitem discute o TBC e a governança a partir de uma Roda de Conversa com os comunitários da área em estudo, para em seguida, apresentar os resultados encontrados na pesquisa.

Atentando-se para os objetivos propostos a pesquisa buscou, primeiramente, investigar as potencialidades turísticas existentes na Comunidade do Maranhão, no município de Parintins. No segundo momento, se analisa as principais redes de governança na sede comunitária que compõem as territorialidades, identificando lideranças, cooperativas/associações, comércios, atividades realizadas na comunidade que geram renda aos moradores; Descreve-se as características básicas geomorfológicas e geográficas comunidade, com a finalidade de fazer uma descrição da localidade; E por fim, apresenta-se a proposta dos mapas dos atrativos turísticos/naturais da comunidade e entorno como resultado dos diálogos e roda de conversa com os comunitários.

Para o processo de investigação dos objetivos, a pesquisa iniciou com o levantamento bibliográfico sobre a temática por meio de livros, artigos e periódicos coletados na internet e as visitas de campo na comunidade afim de conhecer as espacialidades do território. Os estudos da pesquisa têm caráter exploratório/descritivo onde “podem ser encontrados tanto descrições quantitativas e/ou qualitativas quanto acumulação de informações detalhadas como as obtidas por intermédio da observação participante” (LAKATOS, 2003, p. 188).

Pretendeu-se então com este artigo, trazer contribuições sociais e educacionais tanto para o âmbito acadêmico quanto para a localidade por meio do conhecimento empírico e teórico sobre o segmento estudado.

Percebemos com esta pesquisa, que o TBC apesar da sua complexidade, pode trazer experiências inesquecíveis para o turista através da relação com o meio (espaço) e para os agentes sociais, no compartilhamento da vida em comunidade e no encantamento das belezas naturais do entorno de Parintins.

## **CONCEPÇÕES E ABORDAGENS SOBRE O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA, GESTÃO PARTICIPATIVA E O PROTAGONISMO DA POPULAÇÃO LOCAL**

Entre as várias definições do campo Turismo de Base Comunitária um elemento em comum está na abordagem antropológica, sociológica, econômica, política, histórica, psicológica e ambiental, ou que evidenciam uma grande diversidade do sentido de comunidade, do tipo de turismo e do seu significado (SANZOLO; BURSZTYN, 2009; FABRINO, 2013).

Dentre as variadas conceituações temos BARRETO; TAVARES (2010) que entendem o Turismo de Base Comunitária como uma relação fundamentada para além de trocas comerciais, em que prevalece não apenas a dimensão econômica, mas a dimensão social, circunscrita numa perspectiva de maior autonomia das populações envolvidas no processo.

Assim como BRAGHINI; SANTOS; VIEIRA (2020) que partem do pressuposto do TBC enquanto forma de organização ou gestão da atividade turística, com o protagonismo das comunidades receptoras no fornecimento de produtos ou prestação de serviços turísticos.

Por outro lado, CORIOLANO (2009) afirma que o TBC é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas vinculadas à exploração do turismo.

O TBC também é entendido como uma proposta alternativa endógena e autônoma, que enfatiza a sustentabilidade dos recursos comunitários e da colaboração e equidade no trabalho e em suas distribuições de rendas, buscando a diversificação econômica de sistemas e pela gestão destes pela própria comunidade (SANZOLO; BURZTYN, 2009; MALDONADO, 2009).

O Ministério do Turismo (MTur), não adota um conceito embora reconheça a existência de inúmeras concepções sobre o tema. Todavia, admite alguns princípios comuns diante da diversidade de concepções sobre TBC: autogestão; associativismo e cooperativismo; democratização de oportunidades e benefícios; centralidade da colaboração, parceria e participação; valorização da cultura local e, principalmente, protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade e/ou na oferta de bens e serviços turísticos, visando à apropriação por parte destas nos benefícios advindos do desenvolvimento da atividade turística (MTUR, 2010).

Já BURSZTYN, BARTHOLO, DELANO (2009) abordam o turismo alternativo de base comunitária partindo da concepção de contraposição ao turismo massificado, requerendo menor densidade de infraestrutura e serviços e buscando valorizar uma vinculação situada nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar.

Levando em consideração a diversidade de experiências que possibilitaram essas análises, foi possível identificar denominações que esta modalidade assume tanto na práxis como na teoria: turismo comunitário, turismo de base comunitária, ecoturismo de base comunitária, turismo responsável, turismo rural comunitário, turismo justo, turismo solidário, dentre outras tantas.

MALDONADO (2009) faz uso do termo Turismo Rural Comunitário (TRC) no qual conceitua como toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos, tendo como finalidade não o lucro nem a apropriação individual dos

benefícios que são gerados, e sim a sua distribuição equitativa, muito similar as concepções apresentadas anteriormente.

Diante de tais abordagens apresentadas é importante observar e reconhecer que embora as iniciativas de TBC apresentem semelhanças em função de princípios comuns, elas tendem a se diferenciar, pois ocorrem em distintos contextos territoriais e históricos. Do mesmo modo como em outras realidades sociais, econômicas, ecológicas, políticas e com vocações turísticas diferentes devido a diversidade turística encontrada no Brasil, como é colocada por BARRETO E TAVARES (2017), logo percebe-se que a teoria sobre o Turismo de Base Comunitária precisa estar sempre de acordo com o ambiente e a comunidade que será desenvolvida tais atividades.

Em face disso, no Amazonas as experiências de turismo de base comunitária são recentes e crescem significativamente por algumas comunidades ribeirinhas como forma de gestão participativa para potencializar iniciativas ligadas ao turismo e o ecoturismo, como é o caso da RDS Mamirauá que executa iniciativas de TBC como forma de aliar a conservação e benefícios econômicos para populações locais.

Nessa perspectiva, a Pousada Uacari (Tefé/AM), localizada em uma unidade de conservação na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, se enquadra como um projeto integrado de conservação e desenvolvimento com projetos criados em unidades de conservação, desenhados para promover a participação da população local nos benefícios advindos da conservação da biodiversidade. (PERALTA *et al*, 2016)

No caso de Parintins/AM, o município tem condições de potencializar a atividade, visto que, por sediar o Festival Folclórico dos Bois Bumbás (Caprichoso e Garantido), essa visibilidade pode ser aproveitada para a divulgação dos atrativos naturais que existem nas comunidades no município. Tendo em vista que o município se destaca na rede urbana regional, cumprindo função de cidade média com dinâmica econômica externa. Para SCHOR E OLIVEIRA (2011, p. 19), o município de Parintins:

Têm importância na rede por sua inserção em uma dinâmica econômica externa, os vínculos com as demais cidades na rede não são necessariamente fortes, nem o seu desenvolvimento econômico implicará em um desenvolvimento regional significativo, pois a atividade econômica responsável pelo seu dinamismo não agrega valor nem no local nem regionalmente.

Isso valoriza a estrutura instalada na Comunidade do Maranhão e as redes de sujeitos locais, atraindo visitantes. Nesse ponto de vista, BARTOLI (2017; 2018a; 2018b; 2019) identificou com o STUR (Sistema Territorial-Urbano-Ribeirinho), onde as manifestações da economia popular que está em constante circulação entre a cidade e entornos, podem servir de

base para diversas atividades relacionadas à potencialização do circuito turístico relativo à calha do rio Uaicurapá. Como o aproveitamento de embarcações que fazem o trajeto cidade-comunidade, consolidação de parcerias entre moradores que possuem moradia na cidade e comunidade (facilitando operações de divulgação na cidade), instituições da cidade apoiando o projeto e possível evolução das atividades com auxílio da visibilidade da cidade propiciada pelo Festival.

Atrelado “pela força transformadora de turistas em movimento sobre territórios, numa integração com lugares, culturas e populações visitadas” (CASTRO, 2006 *apud* NITSCHKE e BAHL, 2016), que o presente artigo se baseia, no que se refere a vivência e como a atividade pode interferir sobre o ambiente visitado.

Além disto, o enfoque cultural deste estudo baseia-se numa abordagem da Geografia Cultural, onde objetiva entender a experiência dos homens no meio ambiente social, integrando as representações mentais as reações subjetivas e amplia as concepções de cultura de diferentes formas e, ainda, do sentimento de pertença regional da integração com o meio ambiente, das culturas, identidades e da comunicação simbólica que torna a cultura operacional e funcional na construção da experiência de cada um. “Dar visibilidade a essas culturas e evitar novos apagamentos reafirma a cultura como um elemento fundamental do desenvolvimento territorial”. (CARNIELLO *et al*, 2022, p. 136)

Corroborando com um dos objetivos específicos que visa analisar as principais redes de sujeitos existentes e também as principais redes de governança que resultam em territorialidades, é relevante destacar, segundo as palavras de CAVACO (2011, p. 145), o turismo é responsável e solidário, com iniciativas e atividades de pequena e média dimensão, geridas pelas próprias comunidades (TBC, Turismo de Base Comunitária), ultrapassando barreiras internas às mesmas (governança, apropriação de recursos, gestão, implementação, representação da comunidade).

Assim, CORIOLANO (2009) destaca também, que é um novo paradigma do turismo convencional, pois viabiliza o desenvolvimento local, em contraposição do turismo massificado que visa o capitalismo e concentração de capital, configurando assim, numa nova dinâmica protagonizado pela comunidade, pois faz parte de um turismo focado no solidário e mantendo a diversidade cultural. Em relação a isto, (BURSZTYN; BARTHOLO; DELAMARO, 2009, p.86) diz que:

O turismo alternativo de base comunitária busca se contrapor ao turismo massificado, requerendo menor densidade de infraestrutura e serviços e buscando valorizar uma vinculação *situada* nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar. Não se trata, apenas, de percorrer

*rotas exóticas*, diferenciadas daquelas do turismo de massa. Trata-se de um outro *modo de visita e hospitalidade*, diferenciado em relação ao turismo massificado, ainda que porventura se dirija a um mesmo destino.

Nesse sentido, o principal diferencial do TBC com relação ao turismo convencional é sua capacidade de promover encontros e intercâmbios culturais entre “quem está” e “quem vem”, “os que recebem” e “os que são recebidos” (BURSZTYN, 2012, p. 72), portando um lugar de encontro, de significados, de valorização da identidade da comunidade.

A comunidade é gestora das iniciativas ligadas ao turismo, e devem garantir a participação dos moradores nas tomadas de decisão, criando assim uma rede de governança entre os da comunidade. O ICMBio – Ministério do Meio Ambiente (2019) enfatiza que a cooperativa deve atuar no reconhecimento, valorização e apoio ao protagonismo e organização das comunidades locais para atuar no TBC.

Partindo do ponto de vista colaborativo, o TBC gira em torno à capacidade que a comunidade tem de gerenciar o patrimônio natural e cultural dos destinos, satisfazendo as necessidades dos turistas e promovendo o bem-estar comunitário (BURGOS; MERTENS, 2016).

Essas redes de articulação social, acabam gerando novas redes de governança no local, aumentando de certa forma, a capacidade de trabalho comunitário e isto justifica a escolha da Comunidade do Maranhão.

## **COMUNIDADE DO MARANHÃO: CARACTERÍSTICAS GEOMORFOLÓGICAS, GEOGRÁFICAS BÁSICAS E AS REDES DE SUJEITOS**

Atualmente Projeto de Assentamento de Vila Amazônia, assim denominado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), a história antiga de ocupação da localidade<sup>3</sup> está atrelada a presença de migrantes nordestinos no município de Parintins por volta de 1890. Com uma fartura de peixes que existiam nos lagos e enseadas adjacentes, um maranhense fixou residência e como recordação ou lembrança, o lugar ficou conhecido como “Maranhão do rio Uaicurapá” (RODRIGUES, 2019).

A sede da comunidade está localizada a margem esquerda do rio Uaicurapá (figura 1), distante cerca de 30 km da Ilha Tupinambarana por via fluvial e possui um planalto de aproximadamente 30 metros de altura, onde há a predominância de solos espessos e bem

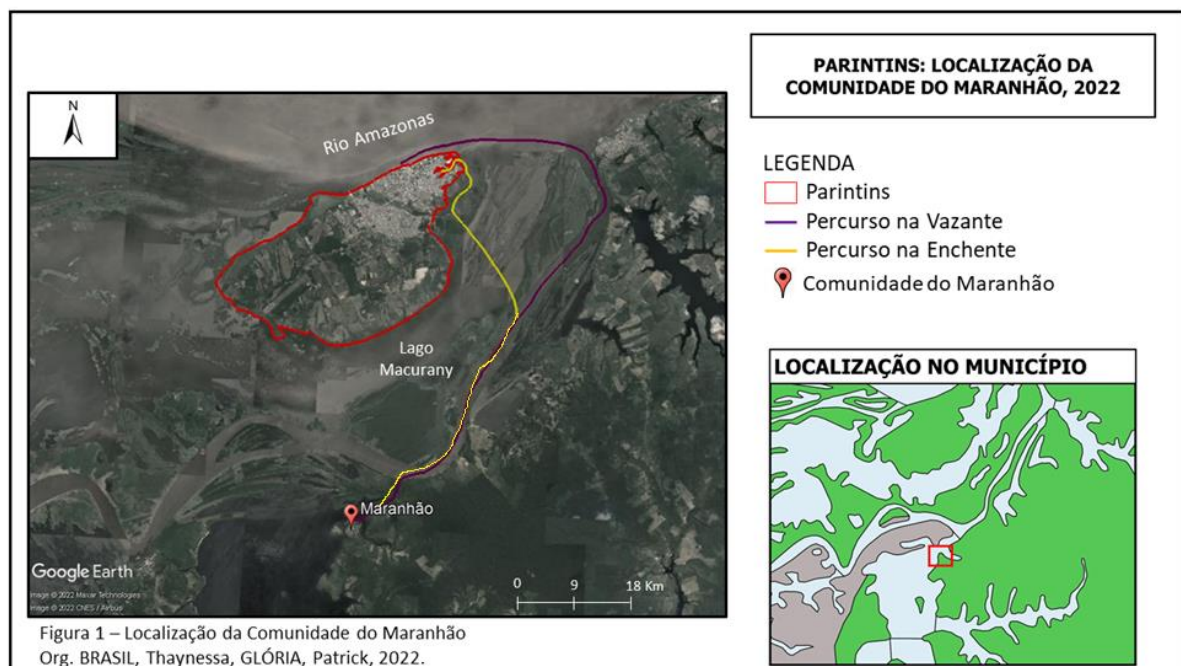
---

<sup>3</sup> Informações do histórico cedida pela Coordenação da Comunidade do Maranhão.

drenados, em geral Latossolos vermelho-amarelo-arenoso e Neossolos Flúvicos, característicos de área de terra firme que são terras de maior elevação com proporções não inundadas pelo rio.

Para ALBUQUERQUE (2012, p. 188), áreas de terra firme também podem ser caracterizadas por as áreas de assentamento como comunidade, que fazem o uso para atividade agrícola, pecuária e extrativista, possui a presença de igarapé e rio de coloração preta, *ph* ácido, com vegetação composta por floresta arbórea de meio e grande porte.

**Figura 1:** Localização da Comunidade do Maranhão/Parintins



Existe uma maneira para chegar até chegar a Comunidade do Maranhão que é por via fluvial, onde os barcos regionais saem do Porto da Caçapava (Centro) ou Porto do Mercado Municipal (Rampa/Centro) num percurso que dura em média 2 h e 30min na vazante e, no período da enchente dos rios, o percurso dura em média 1h e 30min (dependendo da velocidade da embarcação).

E também pode ser realizado em voadeiras 15hp e pequenas embarcações (canoas rabetas/bajaras), saindo dos vários portos da cidade, sendo que, no período da enchente o percurso pode ser encurtado devido “atalho” no trecho conhecido como “Buiuçú” que diminui o tempo de viagem em 1 hora.

Considerando esta diferença no tempo de percurso e a sazonalidade da região, o visitante se depara com os seguintes critérios descritos no quadro 1:

**QUADRO 1: SAZONALIDADE, TEMPO E QUANTIDADE DE COMBUSTÍVEL NO PERÍODO DA VAZANTE X ENCHENTE**

SAZONALIDADE		ACESSO		QUANTIDADE DE COMBUSTÍVEL	
ENCHENTE	VAZANTE	ENCHENTE	VAZANTE	ENCHENTE	VAZANTE
É possível visitar os atrativos na cheia dos rios	É possível visitar os atrativos na seca dos rios	<b>TEMPO DE DESLOCAMENTO ( ≤ 2h:00min)</b>	<b>TEMPO DE DESLOCAMENTO ( ≥ 2h:30min)</b>	Barcos regionais: 10 litros diesel (barcos pequenos)	Barcos regionais: 15 litros de diesel (barcos pequenos)
		<b>TEMPO DE DESLOCAMENTO ( &lt; 1h)</b>	<b>TEMPO DE DESLOCAMENTO ( &lt; 1h:00min)</b>	Canoa rabeta – 4 litros de gasolina Voadeira 15 hp – 40 litros de gasolina	Canoa rabeta – 6 litros de gasolina Voadeira 15 hp – 50 litros de gasolina
		Barcos regionais	Barcos regionais		
		Canoa rabeta, voadeira 15hp	Canoa rabeta, voadeira 15hp		

Fonte: trabalho de campo, 2022

A referida comunidade, possui estrutura mínima e alguns serviços básicos: na área da saúde possui 1 (um) posto sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA), por meio da implantação da Unidade Básica de Saúde (UBS) “Cassiano Carmo” que atende pacientes de casos simples (sede e adjacências) e os mais graves são encaminhados a Parintins.

Na área da educação, a comunidade dispõe de 1 (uma) Escola Municipal “Nossa Senhora das Graças” que atende em média 109 alunos da Educação Infantil até o Ensino Fundamental nos turnos matutino/vespertino e Ensino Médio Presencial por Mediação Tecnológica no turno noturno.

Ainda neste segundo grupo, as ações relacionadas à escola mobilizam os comunitários de forma coletiva, a exemplo do mutirão de limpeza da comunidade (capina, poda de árvores, recolhimento de resíduos), manutenção dos canteiros da horta escolar.

Um destaque também para a festa folclórica desenvolvida pela equipe gestora escolar/comunitária o “Boi Bumbá Marronzinho” e o “Boi-Bumbá Engraçadinho” desenvolvido pela Coordenação da Catequese. E ainda o cordão da Pastorinha “As Natalinas” que tradicionalmente é realizado nos meses de dezembro e janeiro pelos grupos de mulheres da comunidade e em parceria com as comunidades adjacentes como forma de “visita”.

Em relação a aspectos socioambientais, a Coordenação Comunitária (liderança) em parceria com a escola realiza algumas atividades de caráter ambiental e objetiva sensibilizar os moradores e visitantes sobre a conservação do meio ambiente. Essas atividades vão desde palestras socioeducativas como destinação correta de resíduos no solo, rio e entorno como também, oficinas de confecção de objetos com materiais recicláveis.

Quando nos referimos a economia da localidade, a comunidade sobrevive de pequenos comércios (mercadinhos, panificadora, lanche e comércio informal); da comercialização de pescado, da agricultura familiar com a produção e cultivo da farinha de mandioca e seus derivados como bejú branquinho, bejú lavado/bejú d'água, pé-de-moleque, tapioca; de algumas peças de artesanatos; da venda de frutas como cupuaçu, graviola, abacate, banana, guaraná; mel, andiroba. E poucos, ainda timidamente trabalham diretamente com o turismo, como é o caso dos flutuantes, uma pousada/restaurante.

Considerando um dos objetivos específicos, identificou-se a primeira rede de sujeitos que é ligada à religião católica. A Comunidade do Maranhão tem forte ligação com o catolicismo (religião predominante), na qual fiés frequentam a Igreja Nossa Senhora das Graças, sua padroeira, que também dá nome a comunidade, enquanto outros frequentam a igreja Evangélica, Presbiteriana e Batista.

Portanto, as festas religiosas costumam mobilizar esforços dos comunitários, pois há uma organização voluntária durante a realização dos festejos, geralmente um membro (coordenador) da comunidade divide as tarefas de forma hierárquica, assim, se tem dentro da realidade da comunidade diferentes espacialidades que fortalecem a cultura e a identidade local. Essa relação de cooperação é evidenciada pelo depoimento do comunitário:

Trabalhar em conjunto vai ajudar ambos né. Nós somos uma coordenação, só que quando vamos fazer uma festa, a gente tem que tirar uma coordenação pra trabalhar nessa festa né. Você fica responsável por isso, o outro daquilo. É pegar dois professores, pra ficar responsável da rifa (...) então é trabalhar na coletividade, na transparência. (Depoimento gravado na Roda de Conversa, 2022)

Quando se refere às manifestações culturais, a comunidade realiza uma série de movimentos, dentre eles quermesses sociais, socioeducativas e atividades de lazer presentes no calendário festivo como os jogos/torneios desportivos interlandinos, missas, novenas, procissões, vendas de rifas e bingo, dentre outras atividades, que amplia o público atendendo comunidades do entorno.

Uma comunitária destaca: “Tinha esta da Praia né na época do verão, a Festival do pé-de-moleque que era uma forma de incentivar a cultura da comunidade, só que nunca mais foi realizado, não conseguiram mais fazer. Eles começam né, aí não continuam” (Depoimento gravado na Roda de Conversa, 2022)

A segunda rede numerosa e que realiza práticas espaciais coletivas é a dos pescadores. Que pelo imenso cabedal de conhecimentos tácitos pode ser facilmente direcionada para

atividades turísticas com circuitos ecológicos em diversos caudais hídricos do entorno vinculado à rede de pescadores artesanais da Comunidade do Maranhão, como é o caso das famílias Oliveira, Machado e Tavares.

Estas famílias de pescadores exercem as atividades em grupos com membros da própria família (filhos, sobrinhos, netos), onde a pesca tem uma longa tradição, uma cultura construída a longas gerações. Diariamente, outros semanalmente, os grupos de pescadores realizam a atividade pesqueira para consumo de suas famílias, comercialização na própria comunidade e outra parte é vendido para atravessadores. Segundo este comunitário, nessa questão “o turismo seria uma forma né de trabalhar a conservação do meio ambiente”.

A terceira rede de sujeitos identificada é a Associação de Produtores do Maranhão (ASPROMAR), local onde comunitários artesãos confeccionam e vendem produtos diversificados com a pirografia que consiste na arte em madeira, como mesas, cadeiras, quadros e ainda, produzem vassouras, pintura em tecido, dentre outras atividades e oficinas para os comunitários.

Existem também três pequenas iniciativas destinadas a atender o público visitante, porém, incipiente do turismo local. A localidade mais estruturada e movimentada é o “Restaurante e Pousada da Peta” que atualmente está inserida no roteiro de serviços e atrativos turísticos da cidade de Parintins, por meio da Amazonastur.

O local, semanalmente recebe inúmeros visitantes (em todas as épocas do ano) e é conhecido por deliciosas iguarias regionais como a galinha caipira e o pato no tucupí. Sobre essa rede de sujeitos outra comunitária ressalta:

Nós conseguimos trazer uma equipe da Amazonastur, vieram visitar a comunidade, filmaram, tiraram fotos. E assim, nós estamos começando né no turismo. Porque o visitante quando vem, ele quer conhecer como a gente vive aqui, o que a gente come, então são várias atrações que estão aqui, guardadas. Então, esse ano, com a volta do festival vamos ver né como essa equipe da Amazonastur vai orientar a gente (Depoimento gravado na Roda de Conversa, 2022).

Outros dois flutuantes, mais simples, atendem a todos os barcos que passam, popularmente conhecidos como “Bar/Trapiche da Lôra” e o “Flutuante da Loi” oferecendo serviços de bar, vendas de produtos alimentícios, gasolina, dentre outros.

Levando em consideração as redes de sujeitos selecionados durante a fase inicial da pesquisa, o Quadro 2 procurou avaliar as potencialidades para o TBC, estabelecendo a ordem quantitativa das redes acima citados:

**Quadro 2: ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES DA COMUNIDADE DO MARANHÃO/PARINTINS**

<b>Potencialidades para o Turismo de Base Comunitária</b>	
<b>Rede de Sujeitos</b>	<b>Características</b>
Igrejas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inserir as manifestações culturais no calendário de festas do município pode atrair mais visitantes devido a ampla divulgação</li> <li>- Igreja antiga pode ser transformada num Centro Cultural por apresentar aspectos históricos da comunidade</li> </ul>
Pescadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Turismo ecológico, roteiro de passeio de canoa no período da enchente dos rios. Na vazante, realizar trilhas dentro da mata de terra firme</li> <li>- Acompanhar a pesca artesanal/recreativa, pesca de caniço, produção de malhadeiras</li> </ul>
Agricultores Familiares	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acompanhar a vida em comunidade, diálogos com os comunitários</li> <li>- Visita a áreas de cultivo de guaraná, casas de produção de beiju pé-de-moleque dentre outros derivados</li> </ul>
Flutuantes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Chegada e saída de visitantes</li> <li>- No pico da vazante banhar-se na praia da comunidade e entornos</li> <li>- Potencializar a culinária da localidade (gastronomia)</li> <li>- Comercialização de produtos orgânicos (hortaliças, frutas, mel e etc.)</li> </ul>
Artesanato local	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Feira de produtos confeccionados na associação como forma de renda extra para os comunitários</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pelos autores, 2022

Em suma, mesmo a Comunidade do Maranhão não agindo coletivamente e com objetivos comuns, os conflitos internos acabam por gerar certas falas dos sujeitos sobre a desunião da comunidade, o que acrescenta uma comunitária:

*[...] tudo é um processo de organização. As vezes a gente quer fazer as coisas tudo na “tóra” e não é assim. A gente precisa se organizar no trabalho, tem como fazer algo cultural. Tem gente que nem é convidado para as reuniões. Comunicam na voz mas, nem todo mundo consegue escutar. Então falta isso né, união (Depoimento gravado na Roda de Conversa, 2022)*

Portanto, essas redes são passíveis de serem potencializadas para a prática de TBC, os comunitários apresentaram fatores relevantes para seu desenvolvimento.

## **DISCUTINDO O TBC E A GOVERNANÇA COM OS COMUNITÁRIOS A PARTIR DE UMA RODA DE CONVERSA**

Foi muito comum nas falas dos entrevistados que existe a falta de diálogo coletivo voltado para o Turismo de Base Comunitária. Após analisar os relatos dos comunitários,

entendeu-se que o TBC poderia servir como projeto de desenvolvimento da comunidade. Este comunitário relatou:

Então, eu acho que assim, falta muita união, muito interesse pra esse projeto, porque assim, tem só eu. E os demais?! Cadê o presidente da associação?! Porque isso daqui é uma coisa muito importante, porque vai trazer orientações pra futuramente, trazer renda pra todos. (Depoimento gravado na Roda de Conversa, 2022)

Contudo, na Comunidade do Maranhão constatou-se que ainda não há por parte das redes de sujeitos averiguadas um objetivo comum que possa colocar em diálogo o TBC, pois é necessária a garantia da participação de todos nas tomadas de decisão, criando assim, uma rede de governança efetiva. ESTEBAN (2013) *apud* LIMA (2019) relatam que a governança é um relevante processo de organização de rede, uma vez que:

A governança é um processo de descentralização do poder político, portanto, de transferência de poderes de decisão às entidades regionais e locais; 2. A governança implica sempre a organização em rede, em vez de hierárquica e burocrática; 3. A governança produz um esfumaçamento da fronteira entre Estado e sociedade civil que se põe em questão com outras dicotomias como público/privado; direitos/usos sociais etc. (ESTEBAN, 2013 p. 132 *apud* LIMA 2019).

Além disso, o que se observou é que a governança na Comunidade do Maranhão ainda não é participativa ou coletiva, cabendo mais aos líderes comunitários (administração) a tomada de decisão para resolução de problemas internos, deixando claro que as atribuições e responsabilidades sobre a comunidade não são favoráveis ao livre engajamento para a iniciativa de TBC. Este comunitário revela:

Às vezes é não é muito no coletivo. As vezes o coordenador vai e conversa com as pessoas, ameniza e, não se tem assim, uma tomada de decisão. Por exemplo aqui na comunidade, temos aqui essas terras que se diz ser da diocese de Parintins, que são 18 ha de terras. Então é uma coisa que a gente, muitas vezes, quando acontece um problema é comunicado ao superior né (padre) pra vê se ele toma alguma decisão. Então muitas vezes a gente espera que seja resolvido e não é. (Depoimento gravado na Roda de Conversa, 2022)

Concomitante a isso, com o objetivo de contribuir para que a população local tivesse mais conhecimento sobre o Turismo de Base Comunitária, foi realizado uma Roda de Conversa no *hall* da escola da Comunidade do Maranhão (figuras 2 e 3), tendo em vista que a situação e o sítio da comunidade se apresentaram muito propícios à atividade de Turismo de Base Comunitária.

**Figuras 2 e 3:** Roda de Conversa na Comunidade do Maranhão/Parintins



Fonte: arquivos dos autores, 2022



Para a realização da atividade de pesquisa *in loco*, realizou-se a análise de critérios das ações de governança de cada rede existente e de aspectos das principais territorialidades existente no local, assim como dos tipos de uso do solo, fluxos, redes de comercialização. Posteriormente, foram feitos levantamentos bibliográficos e pesquisa prévia sobre a temática, 05 (cinco) visitas de campo, entrevistas com lideranças comunitárias e registro fotográfico.

O objetivo geral da atividade foi realizar um debate com os comunitários para que tivessem conhecimento sobre a atividade turística e propor a criação de uma cooperativa de TBC que vise o desenvolvimento da localidade e apresentar, a proposta dos mapas de atrativos turísticos da localidade, resultado da cartografia participante durante os trabalhos de campo.

A roda foi dividida em três momentos:

- a) abertura para boas-vindas e apresentação do objetivo do projeto de TBC.
- b) o desenvolvimento, diálogo e contribuição dos comunitários acerca das redes de sujeitos. Posteriormente, apresentação da proposta dos mapas de atrativos turísticos e discussão dos pontos elencados.
- c) o encerramento, onde os participantes relataram as contribuições que a roda trouxe para a comunidade.

Dentre as 145 (cento e quarenta e cinco) famílias residentes, apenas 3 (três) famílias compareceram a Roda de Conversa sobre as iniciativas e possibilidade de TBC na localidade.

Revelando pouco interesse pela temática, não só por parte dos comunitários, mas das próprias lideranças atuais (coordenação) da comunidade.

A partir desses diálogos, foi possível descrever basicamente as características espaciais, já identificando as potencialidades turísticas da localidade e entornos, como belezas naturais e locais para visitação na comunidade.

E a partir da observação direta, com os dados levantados e da cartografia participante durante todo o trabalho de campo, se construiu a proposta de 1 (um) mapa de atrativos turísticos da comunidade (figura 4) e outro mapa dos atrativos naturais do entorno da comunidade que foram apresentados na Roda de Conversa.

**Figura 4:** Mapa de Atrativos Turísticos da Comunidade do Maranhão/Parintins



**Org:** BRASIL, Thaynessa 2022. **Fonte:** trabalhos de campo

Para a escolha dessas áreas foram feitas conversas informais (visitas) com os comunitários, ou seja, um mapeamento participativo levando em consideração as poucas pessoas que se interessaram pela pesquisa.

Com essa análise, as áreas inventariadas tiveram como direcionamento atrativos naturais como a praia, trilha, vegetação nativa (ponto 3, 9 e 10), atrativos arqueológicos (ponto 7), contato com os costumes religiosos/sagrados (ponto 4), serviços de hospedagem/restaurante com comidas regionais (ponto 1), flutuantes (ponto 2 e 8), associação comunitária (ponto 5) e

de forma complementar, explorar o contato com o modo de vida local como o processo de produção da farinha de mandioca e seus derivados (ponto 6).

O primeiro mapa, portanto, é o resultado da identificação dos patrimônios da Comunidade do Maranhão a serem incluídos nos possíveis projetos de TBC definidos como atrativos turísticos<sup>4</sup> que faz parte do levantamento ou inventário do patrimônio territorial. O ICMBio – Ministério do Meio Ambiente (2019) ressalta a importância de identificar as redes de sujeitos existentes quando fala que:

O levantamento das referências culturais é, além de uma etapa importante para a montagem dos roteiros, um momento fundamental para a comunidade compartilhar conhecimentos e reconhecer a riqueza do seu lugar. Esse inventário pode, ainda, despertar a reflexão sobre as mudanças culturais ocorridas naquele território e próprias da dinâmica de qualquer sociedade: o que permaneceu, o que deixou de existir ou, ainda, aquilo que persiste, mas com a incorporação de novos elementos e técnicas. (ICMBio, 2019 p. 67)

Segundo relatos dos participantes da Roda de Conversa, este mapa de atrativos turísticos da comunidade foi considerado de grande valia, desde o processo de seleção dos pontos a serem visitados, sobretudo, da memória, identidade e do sentimento de valorização do território, até o resultado final (figura 3 acima). O que acrescenta esta comunitária: “Eu vejo que esse projeto é muito importante, porque nessa questão aí, todo mundo sairia ganhando né” (Depoimento gravado na Roda de Conversa, 2022).

O roteiro, portanto, está alinhado sobre aquilo que a própria comunidade acredita ser um potencial turístico e isso, reforça um dos princípios do TBC que é a gestão participativa, colaborativa e educativa do Turismo de Base Comunitária. Este foi considerado um ponto positivo.

O segundo mapa (figura 5), refere-se aos atrativos naturais do entorno da Comunidade do Maranhão composto de rico potencial natural para visitação (praias, ilhas, furos, lagos). Nele são citadas áreas propícias para passeio de lanchas, canoa, da fauna e flora regional que na sede do município de Parintins dificilmente são encontradas com livre acesso.

Constam no mapa, alguns atrativos naturais onde apenas 1 (um) faz parte da oferta turística proporcionada atualmente pelo poder público municipal em épocas do ano que fazem alusão ao Festival Folclórico da cidade, onde milhares de turistas visitam Parintins e buscam por áreas naturais como a “Praia do Itaracuera” (ponto 1).

---

<sup>4</sup> O termo **atrativo turístico** pode ser entendido como os objetos, práticas, conhecimentos, paisagens e edificações que, dentro de um universo amplo de bens e referências culturais, são selecionados para serem comunicados no projeto turístico. Caso as comunidades não queiram adotar o termo “atrativo”, podem considerar outras denominações como, por exemplo, “atributos”, “patrimônios”, “referências culturais”, etc. (BRASIL, 2019, p. 67)

Para quem deseja estender e conhecer outras áreas naturais, pode visitar as ilhas do rio Mamarú (ponto 2, 3 e 4) e do rio Tracajá (ponto 5), que compõe belíssimas pontas de praias.

**Figura 5:** Mapa de Atrativos Naturais do entorno da Comunidade do Maranhão/PIN



**Fonte:** trabalhos de campo

Apesar da centralidade da localidade e o acesso via fluvial intenso a colocar como ponto estratégico, a atividade turística na Comunidade do Maranhão ainda é insipiente e a infraestrutura voltadas para essa atividade ainda inexistem.

Os pontos positivos dessa experiência foi o entusiasmo e engajamento de alguns moradores que já possuem relação com a atividade turística (donos de flutuantes, restaurante e pousada), nos permitiu identificar e conhecer as potencialidades, a cultura e costumes da comunidade.

Ficou em evidência durante todo o trabalho de campo a fragilidade da governança na comunidade, um elemento chave que colocaria em risco qualquer segmento e acabaria por fragmentar mais a localidade, pois sem uma gestão efetiva e de colaboração comunitária, o trabalho dos agentes envolvidos é totalmente comprometido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que as redes de sujeitos existentes na Comunidade do Maranhão/Parintins, seguem outras lógicas – como a religião, os festejos, o esporte, a pesca e a agricultura familiar, porém, ainda com poucos “olhares” ao turismo.

Verificou-se que não é prática rotineira o debate dos problemas da comunidade, devido a operacionalização das demandas serem tomadas (na sua maioria) pelos integrantes da coordenação (lideranças comunitárias) de forma hierárquica, não havendo uma decisão na coletividade, para o bem comum da localidade. O diálogo em torno do TBC, a partir das análises preliminares, apontou conflitos e falta de engajamento.

É importante salientar, que o TBC necessita ser debatido a luz da teoria da participação social, do planejamento, desenvolvimento comunitário e gestão participativa da atividade, consideramos que o município de Parintins carece de iniciativas voltadas para o setor turístico em todas as épocas do ano, apresentando os entornos como o rio Uaicurapá e a Comunidade do Maranhão com enorme potencial para atividades de lazer como: praias, ilhas e afluentes de rios, propiciando ao turista ou visitante experiências inenarráveis, vislumbrando um cenário rico em biodiversidade.

Cabe-se ainda apontamentos neste estudo revelaram que o município de Parintins não tem apoiado e atuado para fortalecer iniciativas de turismo nas comunidades do entorno. As propostas dos mapas de atrativos turísticos e naturais resultantes dessa pesquisa foram encaminhadas junto a Secretaria Municipal Cultura e Turismo de Parintins (SEMCTUR) na busca de parcerias entre a Universidade do Estado do Amazonas e município, para serem incluídos nos roteiros turísticos da área urbana independente da sazonalidade, porém não obtivemos resposta.

Portanto, apoiar, assessorar e consolidar projetos de leis para o manejo da atividade é dar visibilidade em larga escala para os cenários turísticos das comunidades do entorno de Parintins. E a proposta é uma forma de consolidar o desenvolvimento do patrimônio territorial das comunidades rurais por meio do TBC.

Apesar das limitações, salientamos que este trabalho foi realizado em meio a pandemia do Covid -19 e, acredita-se que o contexto pandêmico pode ter atrapalhado o andamento das atividades na comunidade, porém, a pesquisa trouxe contribuições relevantes e contribuiu para fortalecer ideias sobre a governança local, Geografia do Turismo e Geografia Cultural, que apresentou novos cenários para obtenção de renda e valorização da cultura e identidade da comunidade.

Por fim, cabe o registro de que este artigo é fruto da continuidade e aprofundamento de um Projeto de Extensão defendido no Centro de Estudos Superiores de Parintins na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), vinculado ao edital 2021 da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX).

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carlossandro Carvalho de. **Análise geocológica da paisagem de várzea na Amazônia Central: um estudo estrutural e funcional no Paraná de Parintins-AM/** Carlossandro Carvalho de Albuquerque. – 2012.

BARRETO, E. O.; TAVARES, M.G.C. O Turismo de Base Comunitária em uma comunidade ribeirinha da Amazônia: O Caso de Anã na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Santarém (PA). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.10, n.3, ago/out 2017, pp.579-611.

BARTOLI, E. **O retorno ao território a partir da cidade: sistemas territoriais urbano ribeirinhos em Parintins (AM)**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNESP, Presidente Prudente.

\_\_\_\_\_. **Cidades na Amazônia, Sistemas Territoriais e a Rede Urbana**. Mercator, v. 17, e17027, p. 1-16, 2018a.

\_\_\_\_\_. **Entre o urbano e o ribeirinho: territorialidades navegantes e sistemas territoriais em Parintins (AM)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018b.

\_\_\_\_\_. **Territorialidades Urbano-Ribeirinhas: o Sistema Territorial pesqueiro de Parintins (AM)**. GeoNorte, v.13, 2019.

BRAGHINI, C. R.; SANTOS, T. C.; VIEIRA, L. V. L. **Reflexões sobre o Turismo de Base Comunitária – TBC**. In: Turismo de base comunitária [recurso eletrônico]: reflexões e práticas na Ilha Mem de Sá –Sergipe/ Claudio Roberto Braghini, organizador Aracaju, 2020.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária: desafio para a formulação de política pública**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade Turismo de base comunitária em unidades de conservação federais [recurso eletrônico] : caderno de experiências/ organizadores: Marília Falcone Guerra, Carolina Mattosinho de Carvalho de Alvite, Bruna de Vista Silva Santos; Autores: Ana Gabriela da Cruz Fontoura ... [et al.], Ilustrador: Daniel Dias Moreira. – Dados Eletrônicos. – 1. Ed. – Brasília, DF: ICMBio – MMA, 2019.

BURGOS, Andrés; MERTENS, Frédéric. As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para gestão participativa. *Tourism & Management Studies*, v. 12, n.2, p. 18-27, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2182-84582016000200003&pt&nrm=.pf&ting=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-84582016000200003&pt&nrm=.pf&ting=pt) Acesso em: 17/set./2022.

BURSZTYN, Ivan. **Desatando um nó na rede: sobre um projeto de facilitação do comércio direto do turismo de base comunitária na Amazônia.** – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2012

CARNIELLO, M. F.; SANTOS, M. J.; PIMENTA, C. A. M. **A abordagem territorial do desenvolvimento: um olhar metodológico sobre a dimensão cultural e seus componentes.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. G&DR. V. 18, 1, P. 134-150, jan.-abr/2022. Taubaté, SP, Brasil.

CAVACO, C.. Turismo rural comunitário (TRC) e desenvolvimento local na América Latina – Um olhar europeu. In: SOUZA, M. de; ELESBÃO, I. **Turismo rural: iniciativas e inovações.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011.

CORIOLO, L. N. M. T. O turismo comunitário no Nordeste Brasileiro. In: BARTHOLO, SANSOLO e BURSZTYN. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 277-288.

EMBRATUR, Empresa Brasileira de Turismo. **Estudo sobre o turismo praticado em ambientes naturais conservados.** São Paulo, 2002. 161 p.

FABRINO, N. H. **Turismo de Base Comunitária: Dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos.** 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. ed. – São Paulo : Atlas 2003.

NITSCHKE, L. B; BAHL, M. **Contribuições de base geográfica cultural e o estudo do turismo em comunidades locais.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO, 11, 2009, Curitiba.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 277-288.

OZÓRIO, R. Z.; PERALTA, N.; VIEIRA, F. S. (org.) **Lições e reflexões sobre o turismo de base comunitária na Reserva Mamirauá** / Rodrigo Zomkowski Ozorio; Nelissa Peralta Bezerra; Fernanda Sá Vieira (Organizadores). - Tefé, AM: IDSM, 2016. Disponível em: <https://www.mamiraua.org.br> Acesso em: 26.dez.2022

PERALTA, Nelissa. **Ecoturismo de base comunitária na Amazônia: uma análise corporativa.** Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica. Vol. VII, nº 1, Rio de Janeiro, ABR. 2012.

RODRIGUES, Adelson Souza. **Comunidade do Maranhão.** Caburi – AM, 2019.

SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. Turismo de Base Comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. In: **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 277-288.

SCHOR, Tatiana; OLIVEIRA, José Aldemir de Oliveira. **Reflexões metodológicas sobre o estudo da rede urbana no Amazonas e perspectivas para a análise das cidades na**

**Amazônia Brasileira.** ACTA Geográfica, Ed. Esp. Cidades na Amazônia Brasileira, 2011. pp.15-30. Disponível em: <https://revista.ufr.br> Acesso em: 26/dez./2022

STEBAN, E. (Ed.). *Ética y gobernanza: un cosmopolitismo para el siglo XXI*. Granada: Comares, 2013. In: **Conceitos da geografia territorial: GOVERNANÇA TERRITORIAL**. GEOgraphia Niterói, Universidade Federal Fluminense ISSN: 2674-8126 Vol.21, No 46, 2019: mai./ago.